

Música e comunicação: inter-relações e possibilidades de utilização terapêutica

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Josiane Fernanda Covre

Universidade Federal de São Carlos/Universidade Federal de Goiás- josianecovre@gmail.com

Claudia Regina de Oliveira Zanini

Universidade Federal de Goiás – mcclaudiazanini@gmail.com

Resumo: A comunicação é um processo complexo de interações realizado pelo homem, que o caracteriza e o diferencia das demais espécies. O presente estudo teve como principal objetivo buscar as relações entre música, musicoterapia e comunicação. Realizou-se uma revisão integrativa, priorizando a última década de estudos nessas áreas. Considera-se indispensável a continuidade de estudos para ampliar a importante compreensão das múltiplas possibilidades de relação entre música, comunicação e sua utilização terapêutica em Musicoterapia.

Palavras-chave: Música. Comunicação humana. Musicoterapia.

Music and Communication: Interrelations and Possible Therapeutic Use

Abstract: Communication is a complex process of interactions performed by a person, that characterizes and differentiates it from other species. The present study aimed to seek the relationships between music, music therapy and communication. We conducted an integrative review, prioritizing the last decade of studies in these areas. It is essential to the continuation of studies to increase understanding of the important relationship between multiple possibilities of music, communications and its therapeutic use in music therapy.

Keywords: Music. Communication. Music therapy.

1 Introdução

Acredita-se que os grunhidos produzidos pelos homens primitivos a partir de seus reflexos a sensações e estados de ânimos teriam dado origem à comunicação, juntamente com a imitação das diversas manifestações da natureza e de gestos e sons de animais. Assim, um complexo processo de evolução da comunicação em suas formas oral, escrita e gestual foi desenvolvido e, a partir da década de 70, com o entendimento sobre o “homem social”, a comunicação passou a ser tratada como o grande diferencial do humano (BORDENAVE, 2006: 5), podendo ser definida como a habilidade de transmitir informação, relatar sentimentos, desejos, experiências, conhecimentos por meio de símbolos sonoros, iconográficos e gestuais. (NICOLOSI et al , 1996, apud CARLINO, 2012: 14)

A comunicação pode ser entendida, portanto, como um processo complexo de interações realizado pelo homem, que o caracteriza e o diferencia das demais espécies.

As formas de comunicar podem ser classificadas em dois grandes grupos: a comunicação digital ou comunicação verbal, caracterizada pelo uso da linguagem oral e/ou

escrita e a comunicação analógica ou não verbal, onde se inclui a música. (WALTZLAWICK, 1977 apud DULEBA e NUNES, 2006; BORDENAVE, 2006).

Segundo Lewin (apud MAILHIOT, 1977), existem cinco elementos constitutivos da comunicação humana. O ciclo da comunicação inicia-se quando o *emissor* elabora uma *mensagem* e escolhe *códigos* que serão transmitidos por determinado *canal de comunicação* e chegarão a um *receptor*.

Ferraz (2002: 516-517) cita tais elementos da comunicação e acrescenta a eles o ruído, como sendo elementos que distorcem a informação e comprometem o processo de comunicação. O mesmo autor esclarece ainda que a comunicação pode ser efetiva, quando fecha o ciclo da comunicação, ou não, quando existem intercorrências no processo de comunicação, como o não compartilhamento de códigos, a existência de ruídos, entre outras.

A relação de entrelace com a sociedade e maneira como a comunicação se faz presente no cotidiano possibilitou a Bordenave (2006: 17) apontar que a comunicação, a partir do que objetiva, pode ocupar diferentes funções na sociedade, funções essas relacionadas à expressividade e ao relacionamento.

Faz-se necessário, então, o aprofundamento e a disseminação dos estudos que relacionem música e comunicação humana em suas diferentes manifestações, formas de atuação e abordagens.

Nesse contexto norteia-se este estudo pelas seguintes questões: Quais as relações existentes entre música e comunicação humana? Pode a música comunicar significados ou emoção ao homem? Considera-se como hipótese que existam relações entre a música e comunicação humana. Acredita-se ainda que a música possa ser utilizada como meio expressivo para a comunicação pessoal, interpessoal e emocional em diferentes contextos.

Este estudo teve como principal objetivo buscar as relações entre música, musicoterapia e comunicação. Realizou-se uma revisão integrativa, tendo como principal fonte a pesquisa em anais de congressos da Associação Brasileira de Cognição e Artes Musicais (SIMCAM); Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM) e na base de dados Scielo, priorizando a última década de estudos nas áreas e utilizando como palavras-chave: comunicação, música, musicoterapia e suas associações. Buscou-se, além das fontes citadas, livros das áreas de música, comunicação e musicoterapia.

2 O que comunicamos musicalmente

A música permite ser explorada por compositores, intérpretes e ouvintes de diferentes formas. Considerando que cada um se relaciona de maneira única com a música

entende-se que exista a possibilidade de múltiplas interpretações (LIMA, 2005 apud LUZ e DAVINO, 2009: 70).

Ao tratarmos a música como sendo ou não dotada de propriedades comunicativas devemos observar a quais fatores a comunicação pode estar associada, dentre eles: a linguagem, a reciprocidade, a ligação social. (FERRAZ, 2002: 517).

Segundo Luz e Davino (2009: 75-76), a música é constituída por códigos sonoros próprios, códigos esses utilizados como “[...] elemento secundário, ou melhor, elemento a serviço do intérprete, a serviço do atrair do encantar” a fim de estabelecer comunicação entre intérprete (comunicador) e ouvinte (receptor).

Para Merriam (1964: 223 apud HUMMES, 2004: 19), a música não é uma linguagem universal, mas moldada nos termos da cultura da qual faz parte. Nos textos musicais ela emprega, comunica informações diretamente àqueles que entendem a linguagem que está sendo expressa.

Para que a comunicação musical aconteça as obras musicais precisam afetar ouvintes “[...] cognitivamente equipados para reagir mimeticamente às ações dos *performers* [...] e social e culturalmente motivados para fantasiar sobre essas reações miméticas.” (CORREIA, 2006: 136). Para o autor quando ouvimos música não temos tempo para estruturar/compreender com tranquilidade cada trecho, pois é preciso acompanhar o fluir da música. Desta forma, a apreciação musical depende de constante interação e da percepção das reações suscitadas no corpo do ouvinte.

Bruscia (2000), em acordo, destaca que a comunicação musical é diferente da comunicação verbal, tanto em conteúdo quanto como processo e assim o que e como comunicamos musicalmente não se relaciona diretamente com a comunicação verbal, e vice-versa, concluindo que a comunicação musical não pode ser substituída por nenhuma outra modalidade de interação e comunicação.

De acordo com a Nova Teoria da Comunicação¹, ainda que não transmita qualquer significado, a música pode ser considerada como forma “eficiente” de comunicação, uma vez que a transmissão exata de conteúdos, de forma que o receptor compreenda especificamente o que o emissor transmitiu é considerada uma falácia.(ANJOS, s/d: 1-2)

As possibilidades de comunicação de uma obra musical são amplas o suficiente para gerar dificuldades de interpretação por isso, Luz e Davino (2009: 75) apontam que para gerar propostas comunicativas inovadoras e claras, através de uma obra musical é necessário

¹ A Nova Teoria da Comunicação é uma proposta nascida na Universidade de São Paulo, frente a necessidade de formas mais abrangentes sobre a comunicação (FILHO, Ciro Marcondes, 2008 apud ANJOS, s/d: p.1-3).

que o músico esteja consciente dos objetivos e dos meios expressivos que utiliza.

Correia (2006) aponta princípios a partir dos quais seria possível compreender os processos da comunicação musical:

1. Há um trabalho do inconsciente cognitivo que fundamenta toda a produção de sentido[...] 2. A imaginação opera em todos os níveis de atividade cognitiva [...] 3. A imaginação opera seguindo uma lógica emocional [...]. 4.[...] Os gestos têm de ser representados quando são produzidos pelos intérpretes e re-representados pelos ouvintes para serem compreendidos. 5. ritual da comunicação musical parece ser inerentemente kinestético e inter-modal, e portanto intrinsecamente gestual.(CORREIA 2006: 142-143)

3 A comunicação emocional em música

A capacidade ou propriedade da música emocionar é reconhecida desde a antiguidade e, a partir do início do século passado, passou a ser estudada com rigor científico.

Os estudos que se iniciaram através de questionários aplicados durante ou após as audições musicais foram sendo diversificados e aperfeiçoados e nos dias atuais os pesquisadores fazem uso de softwares desenvolvidos especialmente para este fim e de tecnologias de reconhecimento de reações corporais como as de leituras de expressões faciais. (LISBOA, 2010: 32-33).

Galvão (2008 apud RIBEIRO, 2009: 601) afirma que “ [...] a reação humana ao discurso musical raramente é de indiferença” e tendo essa afirmação como pressuposto o foco das pesquisas passa a ser a origem destas emoções, quais os elementos do discurso musical seriam capazes de provocar emoções e se seria possível associar diferentes combinações de elementos musicais ao desencadeamento de determinadas emoções.

Segundo Pellon (2008: 92-94), de acordo com a teoria do contorno, a emoção em música existe, pois a mente humana reconhece semelhanças entre a estrutura musical e a das emoções. Encontra-se resultados semelhantes em músicos e não músicos sobre a capacidade da música em transmitir conteúdos emocionais.

Para comunicar emoções ao ouvinte, o compositor utiliza a música para expressar sentimentos, conectar-se com suas emoções, transmiti-las a intérpretes e ouvintes (PELLON, 2008: 91). Os intérpretes as expressam emocionalmente, utilizando um conjunto de informações musicais combinadas tais como timbre, andamento, modo, articulação. (RAMOS e SCHULTZ, 2013; PELLON, 2008). Em consonância, Pichin (2010: 507) observou em suas pesquisas que: “[...] a combinação entre alguns elementos da estrutura musical devido a uma semelhança com aspectos característicos de cada emoção possibilita a associação por parte dos ouvintes de uma música com uma ou mais emoções”.

Para Ramos e Schultz (2013: 498), duas pistas acústicas seriam determinantes no

processo de comunicação emocional, o andamento e o modo, cabendo aos demais elementos a função de atenuantes ou destacadores da comunicação emocional da música.

Em seu estudo com diferentes interpretações da mesma obra, Lisboa (2010: 40) aponta que a composição seria a maior desencadeadora das emoções na audição de uma peça musical e que o intérprete atuaria de maneira menos intensa “ênfatizando e/ou disfarçando as emoções da estrutura, quanto adicionando novas emoções.”

Sobre a relação entre música e emoção, Pellon (2008) ressalta que:

O que se faz necessário é que exista uma relação de semelhança entre propriedades da estrutura musical com propriedades fisiológicas, cognitivas e comportamentais da emoção, para que seja traçado um paralelo entre ambas, e se constate a existência de uma relação entre música e emoção. (PELLON, 2008: 93)

Fálcon (2012) assinala que não basta apenas uma combinação de pistas acústicas para desencadear uma emoção específica, pois além da contextualização cultural apontada por Juslin (1995 apud Ramos e Schultz, 2013: 491), para que haja emoção o ouvinte precisa estabelecer relações entre o que está ouvindo, suas experiências anteriores e suas expectativas em relação aos eventos futuros.

A referência ao histórico do ouvinte é mencionada na maioria dos estudos consultados. Pichin (2010: 506) afirma que, por ser a escuta musical uma experiência abstrata, para que haja compreensão o ouvinte faz associações a experiências conhecidas, especialmente as emoções. Lavy (2001, apud CORREIA, 2006: 136) destaca ainda que o ouvinte recruta memórias e faz analogias e metáforas buscando coerência com o ambiente e provocando assim experiências emocionais.

Pederiva e Tunes (2010: 263) apontam que, ao fazer parte da cultura, a música transforma estruturas e que a possibilidade da expressão sonora também transforma estados afetivos, criando a partir das relações na cultura, novos significados psico-emocionais.

4 Musicoterapia e comunicação

“Comunicação é uma relação entre pessoas, um certo tipo de ocorrência em que se cria uma situação favorável à recepção do novo.”(FILHO, 2008 apud Dos ANJOS, s/d: 1).

A musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. (Federação Mundial de Musicoterapia, apud RUUD, 1998 in BRUSCIA, 2000: 286).

A partir das definições anteriormente citadas e do que foi descrito sobre as possibilidades de relações entre música e comunicação pode-se levantar que a Musicoterapia

é um espaço privilegiado para a comunicação, por ser em essência um espaço de relações entre pessoas, entre pessoas e suas músicas e até mesmo entre as músicas de diferentes pessoas. Assim, considera-se a Musicoterapia adequada no tratamento de transtornos comunicacionais, sendo utilizada como facilitadora no desenvolvimento da comunicação.

Ribeiro (2009: 600) destaca que um dos principais objetivos da Musicoterapia é “[...] promover mudanças desejáveis no comportamento humano e desenvolver habilidades de comunicação e expressão de ideias e sentimentos, para que as pessoas possam alcançar uma melhor qualidade de vida”.

Além da utilização para reestabelecer ou estimular os processos comunicacionais a música em Musicoterapia proporciona a comunicação pelo não verbal, oferecendo uma nova forma de expressão de conflitos e/ou sentimentos; pode também criar e/ou conectar canais verbais e não verbais de comunicação, estimulando, consolidando e elaborando respostas comunicacionais. (BRUSCIA, 1987, apud BRUSCIA, 2000: 71). Considera-se que a música pode fornecer meios de comunicação não verbais acessando emoções, sentimentos e o indivíduo de forma geral, atuando assim como ponte para conectar canais de comunicação verbais e não verbais.

Em Musicoterapia, a comunicação não é somente vista como um objetivo a ser alcançado durante o tratamento, mas também como uma técnica de trabalho, uma vez que é através da comunicação musical entre musicoterapeuta e cliente que se dá o processo musicoterapêutico.

Devido às possibilidades comunicativas e expressivas da música e ao espaço comunicacional privilegiado do *setting* terapêutico muitos são os trabalhos de musicoterapia que afirmam as possibilidades de interação entre música, musicoterapia e comunicação. Dentre eles cita-se o trabalho de Benenzon que, em 1985, já apresentava a Musicoterapia com objetivo de abrir canais de comunicação e, teoricamente, afirmava que através da comunicação não verbal criam-se interações de muitos elementos perceptivos.

O trabalho de Puggina e Silva (2009: 188) trata da Musicoterapia receptiva com pacientes em coma, destacando que “[...] a música serve como estímulo a pacientes em coma, como uma forma de mantê-los em comunicação com o mundo apesar de suas dificuldades de expressão pessoal.” Destaca-se, ainda, a pesquisa de Gattino (2012), relacionando Musicoterapia Improvisacional e TEA (transtornos do espectro autista) e mostrando resultados significativos, especialmente na interação social e no humor, aspectos tão relevantes para o desenvolvimento da comunicação.

Considerações finais

Com o presente estudo pode-se identificar pontos de convergência entre música e comunicação. São tidos como importantes aspectos relacionados ao que pode a música comunicar não só em relação ao conteúdo, mas considerando suas possibilidades expressivas e sua relação próxima com as emoções e com a musicoterapia. Outro aspecto importante é a necessidade de se considerar o contexto onde a música está sendo utilizada, qual o propósito para que ela seja feita, além das interações advindas de sua composição, execução e audição.

Para alguns autores a música não tem a intenção e nem a faculdade de comunicar algo absoluto com sentido e significado assim como a linguagem verbal tem. Desta forma não é possível estabelecer uma comunicação clara entre emissor e receptor fazendo uso da música. Para outros, compositores e intérpretes fazem uso dos elementos musicais para afetar os ouvintes, estabelecendo uma comunicação emocional singular e própria da apreciação musical.

À margem das discussões a respeito do que e como a música pode comunicar, existe a concordância de que a música é capaz de criar um espaço de comunicação singular e dotado de infinitas possibilidades expressivas. As possibilidades de relacionamento entre as pessoas, criadas ou proporcionadas pela música, também merecem destaque, uma vez que este relacionamento triangular entre homem x música x homem pode ser evidenciado, entre tantas formas, através: da identificação com composições de períodos distantes a ponto de gerar emoção; da identificação de uma coletividade utilizando-se de uma obra musical para representar uma nação, um grupo, um protesto.

Ressalta-se que a música e a comunicação podem estar juntas em favor da saúde, estando presentes nos processos musicoterapêuticos realizando movimentos circulares e radiais onde homem x música x homem relacionam-se, comunicam-se buscando as expressões individuais e diálogos intra e inter-pessoais de forma espontânea e integradora.

Considera-se indispensável a realização de um levantamento mais aprofundado sobre os temas aqui abordados a fim de ampliar a compreensão das múltiplas possibilidades de relação entre música, comunicação e sua utilização terapêutica em Musicoterapia.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Guilherme H. L. dos. *Música e Comunicação: a música barroca como processo comunicacional em movimento*. São Paulo, s/d. Disponível em: http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/ata/pos/ppgmus/guilherme_dos_anjos-mus_etno.pdf. Acesso em 15 jan. 2014.
- BENENZON, Rolando O. *Manual de Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.
- BRUSCIA, K. *Definindo Musicoterapia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. *O que é comunicação*. 30 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

- CARLINO, F.C. *Efeito de um programa de habilidades sociais comunicativas para crianças com distúrbio específico da linguagem*. São Carlos, 2012. 159 páginas. Tese de doutorado. Centro de Educação e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.
- CORREIA, J.S. Como comunicamos musicalmente? In: Reunião de SACCoM, ano V, Corrientes, AR, 2006. *Actas de La V Reunión de SACCoM*. 2006. P. 135-145. Disponível em: http://www.sacom.org.ar/2006_reunion5/actas/14.pdf. Acesso em 07 jan. 2014.
- DULEBA, D. e NUNES, T. R. “Quando eu Soltar a Minha Voz”: Propostas para Ampliar um Olhar Musicoterápico. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, UBAM, ano X, nº. 08, p. 42-54, 2006.
- FÁLCON, Jorge A. Música fora dos limites: um estudo de algumas capacidades e limiares cognitivos humanos. In: Simpósio de Cognição e Artes Musicais, ano 8, Florianópolis, 2012. *Anais do 8º Simpósio de Cognição e Artes Musicais*. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2012. P.322-335.
- FERRAZ, S. Música e comunicação: ou o que quer comunicar a música? In: Encontro Nacional da ANPPOM, Belo Horizonte, ano 13, 2002. *Anais do XIII Encontro Nacional da ANPPOM*. Belo Horizonte, 2002. P. 515-522.
- GATTINO, G.S. *Musicoterapia aplicada à avaliação da comunicação não verbal de crianças com transtornos do espectro autista: revisão sistemática e estudo de validação*. Porto Alegre, 2012. 180 páginas. Tese de doutorado. Faculdade de Medicina, Programa de Pós graduação em saúde da criança e do adolescente, UFRGS, Porto alegre, 2012.
- HUMMES, Júlia Maria. Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 11, p.17-25, set. 2004.
- LISBOA, Christian Alessandro . A relação entre intérpretes e ouvintes na percepção das emoções em música. In: Simpósio de Cognição e Artes Musicais, ano 06, Rio de Janeiro. *Anais do VIº Simpósio de Cognição e Artes Musicais*. Rio de Janeiro, 2010. P. 32-42.
- LUZ, Marcelo C. e DAVINO, Gláucia E. Música, sedução e comunicação. In: LEÃO, Eliseth R. (Org.). *Cuidar de pessoas e música. Uma visão multiprofissional*. São Caetano do Sul, Yendis, 2009. p. 67-95.
- MAILHIOT, G. B. *Dinâmica e Gênese dos Grupos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.
- PEDERIVA, P. e TUNES, E. Musilinguagem: a música na fala e fala na música. In: Simpósio de Cognição e Artes Musicais, ano 06, 2010. *Anais do VIº Simpósio de Cognição e Artes Musicais*. Rio de Janeiro, 2010. P. 257-263.
- PELLON, Bernardo. A teoria do contorno no estudo da emoção em música In: Simpósio de Cognição e Artes Musicais, ano 8, Florianópolis, 2012. *Anais do 8º Simpósio de Cognição e Artes Musicais*. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2012. P.88-94.
- PICHIN, Bernardo P. L.. Aplicação do Conceito de Emoção Extrínseca em Música.In: Simpósio de Cognição e Artes Musicais, ano 06, 2010. *Anais do VIº Simpósio de Cognição e Artes Musicais*. Rio de Janeiro, 2010. P. 506-516.
- PUGGINA, Ana Claudia G. e SILVA, Maria J. P. Estado de coma: a influência da música e da voz humana. In: LEÃO, Eliseth R.(Org). *Cuidar de pessoas e música. Uma visão multiprofissional*. São Caetano do Sul, Yendis, 2009. P. 173-190.
- RAMOS, Danilo e SCHULTZ, Juliano C. A comunicação emocional entre intérprete e ouvinte no repertório brasileiro para trombone e trompete. In: Simpósio de Cognição e Artes Musicais, ano 09, 2013. *Anais do IX Simpósio de Cognição e Artes Musicais*. Belém, 2013. P. 489-98.
- RIBEIRO, Mayara K. A. Música em musicoterapia: reações emocionais provocadas pela música eletroacústica. In: VIº Simpósio de Cognição e Artes Musicais. 2009, Goiânia. *Anais do VIº Simpósio de Cognição e Artes Musicais*. Goiânia, 2009.